



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

VINÍCIUS ANSELMO PEREIRA

**A DIVERSIDADE DA SEXUALIDADE HUMANA NAS OBRAS DE FREUD E
NOS ENSINOS DE LACAN**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

VINÍCIUS ANSELMO PEREIRA

**A DIVERSIDADE DA SEXUALIDADE HUMANA NAS OBRAS DE FREUD E
NOS ENSINOS DE LACAN**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Dra. Jailma Belarmino Souto

CAMPINA GRANDE – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436d Pereira, Vinicius Anselmo.

A diversidade da sexualidade humana nas obras de Freud e nos ensinamentos de Lacan [manuscrito] / Vinicius Anselmo Pereira. - 2021.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Psicanálise. 2. Diversidade sexual. 3. Sexualidade humana. I. Título

21. ed. CDD 150.195

VINÍCIUS ANSELMO PEREIRA

A DIVERSIDADE DA SEXUALIDADE HUMANA NAS OBRAS DE
FREUD ENOS ENSINOS DE LACAN

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

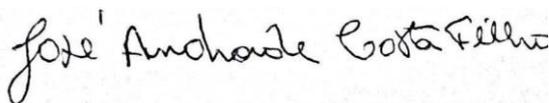
Aprovada em: 01/06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Jailma Belarmino Souto / UEPB

Orientadora



Prof. Dr. José Andrade Costa Filho / UEPB

Examinador



Prof.ª. Dra. Maria Lígia Aquino Gouveia /UEPB

Examinador

Ao meu Tio Adail, pela boa influência e persistência em mostrar o caminho certo, decido. Que sua alma esteja em paz!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. SEXUALIDADE HUMANA NA OBRA FREUDIANA.....	7
2.1. Sexualidade infantil e perversão (sujeito perverso-polimorfo)	7
2.2. Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e os desvios da norma no tocante ao objeto sexual.....	9
3. O MASCULINO E O FEMININO.....	11
3.1. A histeria e a questão com as posições na partilha dos sexos.....	12
3.2. O gozo fálico.....	13
3.3. O gozo feminino.....	15
4. A DIVERSIDADE DA SEXUALIDADE HUMANA SOB UMA ÓTICA DA PSICANÁLISE.....	17
4.1. O mecanismo da homossexualidade no homem e na mulher.....	18
4.2. A bissexualidade estrutural do sujeito.....	20
4.3. Homofobia (ou homoterrorismo)	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

A DIVERSIDADE DA SEXUALIDADE HUMANA NAS OBRAS DE FREUD E NOS ENSINOS DE LACAN

THE DIVERSITY OF HUMAN SEXUALITY IN FREUD'S WORKS AND LACAN'S TEACHINGS

PEREIRA, Vinícius Anselmo¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva fazer uma análise em Freud e em Lacan sobre a diversidade sexual do ser humano, compactuando com o entendimento de que a sexualidade não é natural, mas inscrita na fantasia subjetiva de cada sujeito. Utilizou-se da teoria e ética da psicanálise, a qual considera a sexualidade humana sempre infantil e que o sujeito se apresenta, na sua fantasia, como perverso. Assim, espera-se contribuir com a clínica e com os estudos sobre sexualidade, seguindo a ideia de que não se pode normatizar aquilo que é do sexo e, por extensão, da sexualidade. Portanto, tudo o que é criado a respeito da sexualidade, seja ético e moral ou não, é válido e deve ser acolhido na clínica, pelo analista, visto que a psicanálise, subversiva como ela é, não deve aceitar nenhum tipo de preconceito.

Palavras Chaves: Sujeito; diversidade sexual; Psicanálise.

ABSTRACT

The present work aims to make an analysis in Freud and Lacan about the sexual diversity of the human being, sharing with the understanding that sexuality is not natural, but inscribed in the subjective fantasy of each subject. It was used the theory and ethics of psychoanalysis, which considers human sexuality to be always childish and that the subject presents himself, in his fantasy, as perverse. Thus, with this work, it is expected to contribute to the clinic and studies on sexuality, following the idea that it is not possible to standardize what is sex and, by extension, sexuality. Therefore, everything that is created about sexuality, whether ethical or moral or not, is valid and must be accepted in the clinic, by the analyst, since psychoanalysis, subversive as it is, must not accept the dialectic of any type of preconception.

Key words: Subject; sexual diversity; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO.

Falar sobre sexualidade e sobre identidade de gênero na psicanálise é falar, acima de tudo – tomando base no que Lacan nos mostrou no Seminário, Livro XX: Mais ainda (2008) – sobre escolhas inconscientes feitas pelo sujeito na partilha dos sexos e nas posições tomadas nas fórmulas da sexuação. Freud dedicou grande parte do seu trabalho

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email:viniciusanselmop@hotmail.com

a fim de tentar decifrar como são feitas essas escolhas que inscrevem a sexualidade humana nos corpos e na linguagem dos sujeitos; sexualidade essa que é diversa e, segundo o próprio, na fantasia do sujeito, se apresenta como perversa (FREUD, 1905).

Nessa perspectiva, o presente trabalho se propõe a analisar, em Freud e em Lacan, a diversidade sexual no ser humano, compactuando com o entendimento de que a sexualidade não é natural, mas inscrita na fantasia subjetiva de cada sujeito. Por sexualidade, quer-se dizer a forma como os sujeitos escolheram vivenciar seu modo de gozo pulsional, seja ele através dos investimentos objetivos e libidinais (homossexualidades e bissexualidades), seja ele através da escolha do gênero (masculino e feminino), que diz respeito ao local que tal sujeito se encontra e se identifica na partilha dos sexos e nas formas de gozo das fórmulas da sexuação.

Para a psicanálise, a sexualidade humana é sempre infantil. Isso porque essa sexualidade não só está referida às experiências infantis, mas, sobretudo, porque o desejo sexual se estrutura na infância, a partir do percurso e conclusão do Édipo (ALBERTI, 2020). A criança, então, é vista como sujeito perverso-polimorfo e portador de um corpo pulsional, cuja sexualidade é, nela, sempre pré-genital, visto que as zonas genitais não assumiram, ainda, o seu papel predominante.

De textos curtos, como “Cartas sobre a bissexualidade” (1898-1904), “Carta a uma mãe preocupada com a homossexualidade do seu filho” (1935), a teses complexas e longas - no estilo dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) e “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (1920), Freud tentou não apenas estudar como funciona a sexualidade humana, como, também, foi além do que está inscrito no orgânico e no biológico dos sujeitos, postulando a ideia de que a vivência da sexualidade no ser humano tem base nas fantasias subjetivas de cada sujeito e não no que é imposto pela natureza biológica.

Com a postulação do conceito de pulsão, feita em 1914, Freud notou que é nela que a sexualidade está ancorada e, por ser polimorfa, segundo Marques (2013), a linha que divide o que é patológico e o que é normal se desfaz. A respeito disso, a psicanálise ocupa uma posição de construção de saber, onde isenta a sexualidade humana da discussão sobre o que é desviante; discursão essa que é instigada e medita pelas lúpas do Outro social.

A psicanálise, principalmente com Lacan, nos apresentou a ideia de que do sexo não se pode produzir conhecimento suficiente, visto que “a relação sexual não existe”. O sexo é justamente da ordem do sem-sentido que, por assim ser, acaba por não ter regras que o normalize, e como consequência, por não ter algo que seja capaz de normatizá-lo; o sexo é da ordem do real, impossível de se inscrever, portanto não pode ser escrito, catalogado ou naturalizado. Então, é com isso em conta, que, para a psicanálise, entende-se que todo tipo de expressão da sexualidade é válida. Todo modo de escolha sexual, de escolha perante a partilha dos sexos e de escolha de objeto de investimento libidinal é válido, pertinente ao sujeito sustentado na ética do seu desejo.

Dito isso, buscamos trabalhar esse tema devido às decisões pessoais de seguimento na clínica da psicanálise, pois, como aspirantes a analistas, devemos prestar conta do nosso caminho na psicanálise aos nossos pares, produzindo em cima da teoria e contribuindo para o crescimento dela. Assim, espera-se contribuir com a clínica e com os estudos sobre sexualidade dentro da psicanálise, assunto que ainda é considerado tabu em círculos mais conservadores da nossa sociedade.

2 SEXUALIDADE HUMANA NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Em 1905, Freud inaugurou o texto que abalou as bases morais e científicas da época, muito por conta do seu caráter polêmico, não apenas por assumir que a sexualidade infantil existia, mas por falar abertamente sobre, divergindo da ideia de infância sempre retratada como um momento completamente assexual na vida dos sujeitos – ideia disseminada pelos pensamentos de filósofos como Rousseau e pela Igreja cristã.

Em “Um estudo autobiográfico” de 1925 ele diz:

Poucos dos achados da psicanálise tiveram tanta contestação universal ou despertaram tamanha explosão de indignação como a afirmativa de que a função sexual se inicia no começo da vida e revela sua presença por importantes indícios mesmo na infância (FREUD, 1925, p. 19).

A partir dos “Três ensaios para a teoria da sexualidade”, Freud mostrou que a criança não era apenas aquele anjinho representado nas pinturas renascentistas cristãs; na verdade, era um ser com seus próprios desejos e suas demandas, as quais incluíam, também, a esfera sexual.

Essa revelação feita pela psicanálise, porém, não foi à única tratada nesse texto. Em suas primeiras páginas, Freud falou sobre as aberrações sexuais, os desvios perante os objetos sexuais ditos naturais do ser humano, que seriam o pênis e a vagina, e os desvios relativos à meta sexual; discorrendo sobre tais, propôs ideias para o que aconteceria no aparelho psíquico das pessoas acometidas por tais questões.

2.1 Sexualidade infantil e perversão (sujeito perverso polimorfo)

A ideia de infância é um construto social que começou a tomar forma por meados do século XVIII. Costa (2010) diz que, com Rousseau, o termo criança remete a essa etapa da vida na qual o *infans* é desprovido de toda sexualidade. Foi essa a ideia que se impôs no imaginário social até o advento da psicanálise, com Freud, e os estudos sobre a sexualidade infantil.

Para a psicanálise, a sexualidade humana é sempre infantil. Alberti (2020) nos diz que isso ocorre porque essa sexualidade não só está referida às experiências infantis, mas, sobretudo, porque o desejo sexual se estrutura na infância, a partir do percurso e conclusão do Édipo, que é subjetivo para cada sujeito.

Freud não se debruçou diretamente nos estudos sobre a clínica infantil. Embora tenha acompanhado o caso do pequeno Hans, ele começou a desenvolver as teorias sobre a sexualidade infantil muito antes disso. Ao estudar os sintomas histéricos das suas pacientes, ele os interpretou como decorrentes de fantasias impregnadas por desejos inconscientes; desejos que têm pano de fundo à própria sexualidade infantil. Fazendo uma análise dos “Três ensaios para a teoria da sexualidade”, Costa (2010) sublinha o que é dito, por Freud, sobre a sexualidade infantil:

A criança é um ser perverso-polimorfo, com pulsões parciais emanando de zonas erógenas que se constituem apoiando-se em funções vitais, ou seja, a sexualidade infantil é pré-genital — oral e anal — e as pulsões tendem isoladamente à satisfação auto erótica. O uso do próprio corpo como objeto de satisfação (por exemplo, sugar o polegar), derivado da impossibilidade de a criança dominar o mundo externo, confere à sexualidade infantil uma qualidade de autossuficiência (COSTA, 2010, p. 15).

A criança, então é vista como sujeito perverso-polimorfo e portador de um corpo pulsional, corpo de desejo, cuja sexualidade é pré-genital, uma vez que as zonas genitais não assumiram, ainda, o papel predominante, passando e fixando-se pelas fases oral e anal antes disso. Articulado o conceito de pulsão, Freud nos disse que o *infans*, envolto por seu narcisismo primário, utiliza partes do seu próprio corpo, partes fora das zonas genitais (tem-se aí origem o fato de ele ser considerado como perverso), para extrair prazer sexual.

Essa teoria, Freud fundamentou ainda mais ao trabalhar com o caso do pequeno Hans, acompanhando o pai do menino (Max Graf). Elaborando e estudando essas teorias sexuais infantis e fazendo relações entre elas e o complexo de Édipo, Freud nos mostrou que a realidade psíquica do pequeno sujeito se assemelha à realidade psíquica do adulto em suas questões estruturais: angústias, fantasias e desejos, mas difere-se na questão que gira em torno do foco na genitalidade.

O corpo da criança é pulsional e, portanto, autoerótico. Por genitalidade quer-se dizer o foco posto no corpo e cobrado pelo social nas áreas genitais do indivíduo. Na criança, como dito, antes de se alcançar tal etapa do desenvolvimento sexual – na adolescência, depois do período de latência (FREUD, 1905) – passa-se por duas fases anteriores: a fase oral e a fase anal.

Na fase oral, a atividade sexual não se encontra, ainda, separada da ingestão de alimentos. O objeto de ambas é o mesmo: o cumprimento da meta sexual, que consiste na incorporação do objeto de forma que, mais tarde, por meio da identificação, terá um papel psíquico relevante. Freud (1905) disse que é por isso que os bebês chupam o dedo quando se encontram desamparados, denunciando o seu autoerotismo; esse ato de chupar o dedo, no adulto, é um resquício dessa fase de organização da sexualidade.

Na fase anal (sádico-anal), cuja fixação dá-se a entrada na neurose obsessiva, a atividade é produzida pelo instinto de apoderamento. Depois de receber instruções para lidar com a própria higiene pessoal, a criança cria certa obsessão para com a região anal e o ato de brincar com as fezes. É a fase de se orgulhar das suas próprias criações e do controle sobre seu corpo.

Um dos melhores indícios de futura estranheza ou nervosismo ocorre quando um bebê se recusa obstinadamente a evacuar o intestino ao ser posto sobre o vaso, ou seja, no momento desejado pela pessoa que dele cuida, e reserva essa função para quando ele próprio desejar (FREUD, 1905, p. 92).

Nessa fase ocorre a recusa de responder à demanda do Outro. A criança retém, propositalmente, seu sistema digestivo para confrontar, provocar e/ou recusar o que os seus pais ou cuidadores lhe pedem, lhe comandam. O sujeito se mostra, e é aqui, durante essa fase, que os problemas de “malcriação” geralmente se iniciam, justamente como uma forma que o pequeno encontra para barrar o Outro que lhe invade.

Sobre essa malcriação, Lacan referiu-se ao sintoma da criança, que é um reflexo do par parental.

Segundo o próprio:

O sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar. O sintoma – esse é o dado fundamental da experiência analítica – se define, nesse contexto, como representante da verdade do casal familiar. Esse é o caso mais complexo, mas também o mais acessível a nossas intervenções (LACAN, 2003, p. 369).

O sintoma da criança abordado por Lacan é a resposta da criança às questões referentes à sua estrutura familiar. Resposta essa à pergunta: “o que existe de sintomático

na estrutura familiar?”. É algo que diz respeito à verdade do casal parental ou à subjetividade da mãe que barra a sua verdade (COSTA, 2010). É interessante ver que, na releitura feita por Lacan sobre Freud, cabe à criança encontrar uma saída para o seu desejo, interpretando o desejo da mãe para ir ao encontro da mulher que ela é, para além de mãe.

Tendo em vista essas fases do desenvolvimento psicosssexual da criança, nota-se que a perversão trabalhada por Freud nos “Três ensaios para a teoria da sexualidade” de 1905 tem como função nos mostrar que a sexualidade humana não é de forma alguma natural.

Nesse texto, Freud nos diz que:

Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome). Mas no ato sexual mais normal já se notam os rudimentos que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados perversões (FREUD, 1905, p. 40).

Tais atividades, como as trocas de olhares, os beijos (contato entre as mucosas labiais), as carícias, taxadas por Freud, nesse contexto, como metas sexuais provisórias, não deixam de ser acompanhadas de prazer, aumentando a excitação sexual dos sujeitos, o que deve levar à obtenção da meta sexual final.

Seguindo com as explicações, o texto continua:

A valorização psíquica que se confere ao objeto sexual, como meta desejada do instinto sexual, apenas em casos raríssimos se limita aos seus genitais, mas se estende a todo o seu corpo e possui a tendência de abranger todas as sensações que vêm do objeto sexual (FREUD, 1905, p. 42).

Falar sobre os desvios em relação ao que se diz como meta sexual normal é falar sobre aquilo que não cumpre como padrão determinado pela junção pênis-vagina, ou seja, a união dos genitais no ato da copulação. “Eis aqui elementos, então que permitem relacionar as perversões à vida sexual normal e que podem ser utilizados na classificação delas” (FREUD, 1905, p. 41).

Essa ideia de que existe a relação sexual naturalizada, normal e/ou correta é uma ideia bastante positivista, visto que essa meta sexual só é considerada o padrão enquanto aquilo que, além de definir a heterossexualidade – aceita como a norma para a sexualidade humana, é a partir daí, da cópula, do coito, que se garante a perpetuação da espécie. Mesmo assim, está longe do ser humano manter relações sexuais com os seus pares apenas para esse fim, apenas para gerar filhos.

A sexualidade humana, portanto, é, por si só, perversa no sentido de ser diversa, selvagem e indomável, da ordem da invenção cultural e social e não do que é simplesmente predisposto pela natureza biológica.

2.2 Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e os desvios da norma no tocante ao objeto sexual;

Freud iniciou o texto falando sobre o que ele chama de “invertidos”, termo da época – considerando o contexto histórico – para denominar a pessoa cujo objeto de escolha sexual é diferente do heteroerótico.

Segundo suas palavras:

[...] existem homens para os quais o objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para as quais esse objeto não é o homem, mas a mulher. Tais pessoas são chamadas Kontriirsexuale, ou melhor, invertidos [Invertierte], o fato sendo o da inversão (FREUD, 1905, p. 21-22).

Ele segue, no texto, fazendo uma breve descrição dos tipos de orientações sexuais que diferem da heterossexualidade, categorizando a homossexualidade por si como: a pessoa que se sente atraída apenas por outros do mesmo sexo; a bissexualidade/pansexualidade: como indivíduos que não discriminam sexo nenhum, podendo se relacionar com ambos; e aqueles que mantêm relações com outros do mesmo sexo, mas preferem manter tais atos escondidos da sociedade, ao que ele, Freud, categorizou como sendo os invertidos ocasionais.

Dito isso, ele faz um apanhado de como a diversidade sexual é vista pela ciência da época, que associava a homossexualidade e a bissexualidade como uma espécie de degeneração nervosa, visto que os observadores médicos a viam, primeiramente, em casos de doentes nervosos ou pessoas que davam a impressão de sê-lo.

Freud fez uma crítica à associação entre as sexualidades desviantes da heterossexualidade com essa ideia da degeneração nervosa, dizendo que os “invertidos” não são degenerados, mas também desassociando a ideia de que tais sujeitos possuem essas características devido a causas inatas ou adquiridas.

Em uma nota feita em 1910, em seu texto, Freud escreveu:

Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou (FREUD, 1905, p 34).

Falando sobre a homossexualidade masculina, Freud propôs que ela tem início na infância do sujeito em função de uma identificação intensa com a mãe ou, talvez, a pessoa que desempenha esse papel, buscando, então, atuar da forma como ela atuou, associando tal escolha objetal ao narcisismo. Isso tendo em vista que o indivíduo se põe como objeto sexual de si mesmo. De qualquer forma, ele continua em uma nota acrescentada a esse texto em 1915, nos dizendo:

Para a psicanálise, isto sim, a escolha objetal independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como se observa na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante restrição por um lado ou por outro, tanto o tipo normal como o invertido (FREUD, 1905, p. 34-35).

Para a psicanálise, a questão das sexualidades no ser humano é uma questão de escolha objetal, uma escolha inconsciente. O ser humano, na infância, antes da conclusão do Édipo, é bissexual por excelência, e quando Freud falou disso, quando ele aponta que a possibilidade de dispor livremente de objetos tanto masculinos quanto femininos, ele não quer dizer no sentido erótico que o termo sexualidade acaba por invocar no senso comum, mas os objetos onde se fazem investimentos libidinais dos sujeitos.

Por investimentos libidinais, leia-se os locais onde os sujeitos depositam sua libido, seja de maneira erótica, seja de maneira afetiva. Muito comum que pessoas heterossexuais mantenham relações de amizade com sujeitos do mesmo sexo, enquanto

se relacionam romântica e sexualmente com pessoas do sexo oposto. O contrário ocorre com pessoas homoafetivas.

Tanto é que, em mais uma nota a esse texto feita em 1920 (FREUD, 1905), o próprio Freud disse ser equivocado falar dos invertidos como se fossem homossexuais; ele propõe, seguindo o exemplo de Ferenczi, o uso do termo homoerotismo, uma vez que evoca uma ideia relacionada ao âmbito erótico, não ao âmbito sexual do sujeito.

Além disso, nessa mesma nota de 1920, é interessante ver que ele toca nas questões relacionadas à escolha inconsciente do gênero ao qual o sujeito irá se identificar. Ele diz que se fala “do homoerótico no sujeito, que se sente e se comporta como mulher, e o homoerótico no objeto, que é viril e apenas troca o objeto feminino por um do mesmo sexo” (FREUD, 1905, p. 36). Ora veja bem, ele fala de homoerotismo no sujeito para se referir ao indivíduo que se sente e se porta socialmente como alguém do sexo oposto, definição essa que, atualmente, recai sobre e descreve as pessoas trans, e homoerotismo no objeto, para tratar daqueles que hoje seriam, de fato, os sujeitos homoafetivos.

Porém, por mais que Freud acrescentasse tais notas em seu texto ao longo dos anos, em 1905 ele não conseguiu bem definir, em conclusão, a origem e como se dá a diversidade sexual em relação à escolha de objeto. Assim, ele levanta uma questão interessante: “Chama a nossa atenção o fato de haveremos concebido a ligação entre o instinto sexual e o objeto sexual como mais estreita do que é na realidade” (1905, p. 38), e acrescenta a ideia de que talvez fosse interessante afrouxar essa ligação, talvez a escolha objetual do ser humano não esteja tão intimamente ligada ao que o instinto sexual dita. Aqui, por instinto, leia-se o que é inato no sujeito.

Vieira (2009), em seu artigo sobre o tema, denominou Freud como um militante do seu tempo, e atribuiu à psicanálise um papel importante na desmistificação das sexualidades que diferem da norma heterossexual. Pensando apenas em explicar pela psicanálise a origem e o mecanismo por trás das atuações dos homossexuais, Freud, de fato, contribuiu para essa desmistificação, propondo, inclusive, uma normalização das diversas formas de vivência da sexualidade humana.

3 O MASCULINO E O FEMININO

Falar de masculino e feminino na atualidade é falar para além do gênero do sujeito, é falar sobre formas que os indivíduos encontram para performar na sociedade. É interessante dizer que o masculino e o feminino, muito mais do que posições de gênero ou de sexo, são locais que os indivíduos ocupam, independente da genitália ou de como eles se apresentam para os seus pares. São características, formas de se portar, formas de gozar e, acima de tudo, a relação que os sujeitos constroem com o significante da falta, o falo simbólico.

Sexo, segundo Ceccarelli (2017), é algo visto sob o olhar da biologia. O sexo é definido pelos genitais: macho/fêmea e é sempre nominado pelo Outro (seja os médicos, sejam os pais/cuidadores). Tais formas de nomear e catalogar o sexo, de certa forma, garantem a função ideológica às construções históricas, naturalizando-as através do discurso dominante, que nomeia e regra tanto as sexualidades lícitas e as ilícitas, quanto padronizam as relações entre homens e mulheres (FOUCAULT, 1984, 1985a, 1985b).

Judith Butler (2003), em sua obra “Problemas e gênero – feminismo e subversão de identidade”, critica essa ideia de que o sexo é natural e gênero é construído socialmente. Ela, retomando a afirmação de Simone de Beauvoir – “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, diz que “não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que

garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2003, p. 27).

Já por gênero, nesse caso, entendemos como uma gama de características – masculinidade, feminilidade e tudo o que se encontra entre ou fora desses significantes. O gênero é a forma como o indivíduo se enxerga, se sente e se porta socialmente. Diz muito sobre as posições em que ele atua nas fórmulas da sexuação e a forma como ele goza. Portanto, gênero é uma questão de autopercepção.

Em “Sobre as teorias sexuais infantis”, Freud ([1908b] 1976) nos remeteu a uma maneira de catalogação alternativa que atualmente poderíamos nomear de “gênero”. “Ao que tudo indica, para Freud existiria uma classificação segundo o gênero, que se daria antes da percepção da anatomia” (CECCARELLI, 2017). E, sobre isso, Lacan, no Seminário 11, acrescenta:

[...] no psiquismo não há nada pelo que o sujeito possa situar-se como ser de macho ou ser de fêmea [...] aquilo que se deve fazer, como homem ou mulher, o ser humano terá sempre que aprender, peça por peça, do Outro (LACAN, 1985, p. 194).

Coutinho Jorge (2020) nos diz que desde Freud e Lacan que a psicanálise traz o real do sexo, aquilo que é impossível de ser simbolizado e que escapa de um imaginário no qual a cultura tende a forjar certa complementariedade entre os sexos; complementariedade essa que recubra por completo aquilo que a natureza animal noticia nas diferenças anatômicas entre macho e fêmea.

E quem melhor que as histéricas para dar vasão ao que é homem e o que é mulher e o que se encontra entre e fora desses significantes? As posições sexuais e de gênero são formas de padronização criadas pelo social para dar conta desse exato real do sexo falado por Lacan. São as histéricas quem são exímias na arte de questionar o que se estar estabelecido, cortejando o mestre apenas para destitui-lo depois, no fim.

3.1 Histeria e a questão com as posições na partilha dos sexos;

Em artigo publicado em 2017, Coutinho Jorge e Travassos trabalharam a questão principal da histeria, tomando como certo que ela é a estrutura básica do sujeito: sou homem ou sou mulher?

Ao sujeito histórico é questionado o seu lugar na sociedade moderna, desde que os sintomas graves descritos por Freud deixaram de ser questão, à medida que o tempo foi passando e a era das trevas foi dando espaço para a era da ciência. “Por onde andam essas histéricas, devastadas pelos seus sintomas, que Freud atendeu e, com elas, fundou a psicanálise?” (JORGE E TRAVASSOS, 2017). Os autores do artigo apontaram para a possível hipótese de que a histeria, agora, se manifesta, entre outras formas, por meio dos fenômenos ligados ao gênero.

A histeria, como paradigma da psicanálise, sempre se mostrou um enigma. O histórico – as histéricas, nesse caso – vistas como pessoas misteriosas e de dúvida moral, receberam a desaprovação dos médicos da velha medicina, que tratavam seus sintomas como simples “pítis”, visto a efemeridade e a falta de comprovação fisiológica oriunda deles. Mas a histórica sempre esteve presente, mudando conforme as épocas, mantendo a sua questão atrelada ao discurso de um mestre que, desde o fim dos séculos mais recentes até os dias atuais, vem sendo a ciência (JORGE E TRAVASSOS, 2017).

Esse deslocamento evidencia a posição que a histórica adota em relação ao saber do mestre: ela está sempre próxima dele, o segue de perto e, se o faz, é

na medida em que insiste em colocar uma pergunta crucial que a move: sou homem ou mulher? (JORGE e TRAVASSOS, 2017).

Lacan postulou nos estudos sobre os discursos que aquele pertencente à histórica parte da ideia dessa aproximação entre ela e o mestre. Ela corteja o mestre, ela busca agradar o mestre para dele lhe puxar uma resposta, uma verdade: a questão da histeria sobre a posição que ocupa.

Mas essa verdade é furada e a histórica sabe disso, por isso ela espera, corteja, mordisca o seu desejo, apenas para, no último momento, puxar o tapete do mestre e o destituir desse lugar, como nos disse Coutinho e Travassos (2017). Sobre isso, os autores continuam afirmando que Lacan escreveu o matema desse discurso “para situar nele a estrutura discursiva em que o sujeito, produzido originariamente pelo discurso do mestre – no qual ele é alienado nos significantes do Outro –, interroga o saber sobre a diferença sexual” (JORGE E TRAVASSOS, 2017) que na binariedade do significante reparte o campo sexual em dois: o homem e a mulher. Essa binariedade é questionada pelo sujeito histórico, tendo base naquilo que é impossível de ser apreendido no significante, o objeto “a”.

Assim, na posição de agente do discurso, o sujeito surge dividido como efeito da linguagem no conflito sintomático, mas sua verdade é que ele se coloca como objeto do desejo, o objeto a indecifrável para o Outro. E todo saber que o mestre (S1) produzir (S2) será impotente para dar conta do enigma da sexualidade (a) (JORGE e TRAVASSOS, 2017).

E é essa a questão e o drama da histórica, que busca uma resposta para aquilo que o seu mestre não pode dar. Foi essa interrogação sobre esse real do sexo que levou Lacan a formular um dos seus aforismos mais famosos: “não existe relação sexual”. Com isso ele não quer dizer que não haja coito; o coito existe, mas o coito é imaginário. O desejo não é articulável em palavras, ele está articulado no inconsciente, mas não se pode ser colocado em simbólico e o que sobra, o real, é aquilo que não cessa de não se inscrever; é o não-dito, o não simbolizável, aquilo que traumatiza e que joga o sujeito aos lobos.

Todo tipo de criação de saber que se proponha a tentar dar conta desse real do sexo vai ser questionado pela histórica. É exatamente por isso que ela se dirige ao mestre, mestre esse que pode ser qualquer um, desde instituições estabelecidas no laço social até fontes de produção de saber, como a ciência e a própria psicanálise (JORGE e TRAVASSOS, 2017). A histórica vai se dirigir ao seu mestre e demandar saber sobre o sexo apenas para destitui-lo desse lugar de superioridade. O que a histórica sustenta, acima de tudo, é que não há saber possível sobre essa diferença sexual produzida na binariedade do significante. Não, essa diferença sexual se evade de qualquer forma de saber (JORGE e TRAVASSOS, 2017).

3.2 O gozo fálico;

No Seminário, livro XX: Mais, ainda, Lacan entregou a definição do que é o gozo. Ele se questiona sobre isso e responde: “Aqui ele se reduz a ser apenas uma instância negativa. Gozo é aquilo que não se serve para nada” (LACAN, 2008, p.11). E acrescenta que nada obriga o sujeito a gozar a não ser o Superego. Ele impera – Goza! O que é interessante, pois é justamente no Superego que a Lei habita o sujeito. Existe um gozo ao burlar a regra, ao burlar a Lei. E o que impulsiona o neurótico a burlar a regra, a mostrar que a castração é falha, pode ser a mesma coisa que faz com que ele siga essa dialética,

tentando apaziguar o desejo do Outro, para que ele possa desejar por si mesmo (QUINET, 1991).

O gozo tem sequelas de destruição e o corpo é provado e desgastado mais em sofrimento do que em prazer (RABELAIS, 2017). A Lei não impede que o sujeito busque o gozo, na verdade, ela vai servir de apoio a ele. É exatamente por existir essa barra, esse impedimento, que o sujeito se joga. E o que fica bastante visível é que para se chegar a isso, a esse gozo ilimitado, é necessário que o sujeito burle a regra, a norma. Entretanto, não se pode ir muito além do que a nossa cultura permite e é justamente nesse momento de transgressão que algo desse gozo, que vem do Superego, pode ser alcançado.

Para Lacan, não existe pulsão que não seja pulsão de morte e o gozo é o que mais põe isso em evidência. É destruição, é excesso, é aquilo que não serve para nada. Aquilo que se reduz a ser uma instância negativa. Em primeiro momento, esse gozo é impossível até que haja a incidência da Lei, para que ele seja sustentado e apoiado pela linguagem (RABELAIS, 2017). “Este aparelhamento pode ser entendido a partir da noção de cifragem do gozo” (RABELAIS, 2017, p. 44). Para se transformar em um gozo atingível, possível de ser vislumbrado e tocado, o gozo do corpo precisa ser envolto pela linguagem; linguagem essa que se inscreve no sujeito a partir da castração, com a função fálica e que está ligada ao objeto “a”.

Na verdade, podemos pensar a castração como o nome freudiano do gozo fálico (VIEIRA, 2008). Ela, a castração, é uma barra fundadora, visto que barra a mãe e localiza o ponto impossível de ser alcançado.

É através do complexo de Édipo, em que a Lei marca a imposição de limitações e perdas, que se faz possível sair do gozo do ser e passar ao gozo fálico. Entendemos por gozo fálico, o gozo que é efeito da castração, exatamente por estar ligado à palavra e fora do corpo. Ao se proibir o gozo incestuoso, a Lei concede ao gozo significação fálica e, assim, o torna acessível ao sujeito (RABELAIS, 2017, p. 44).

É por conta da introdução da Lei, por conta justamente da castração, que o sujeito se permite ir de encontro ao gozo, já que é apenas por meio da castração que o sujeito se funda na linguagem. O falo é o significante dessa proibição, vise ser o significante da falta (BRAUNSTEIN, 2007). Com isso, a linguagem é o que vai ser usado para levar esse gozo posto no corpo para o gozo de modalidade fálica, o gozo da palavra. A linguagem põe limite naquilo que antes era ilimitado, tornando possível a abertura da dimensão do mais-de-gozar, uma vez que a castração, para Lacan (1969-70, p.13) produz o sujeito dividido e, por consequência, causa uma perda de gozo.

Assim, podemos perceber que é a partir da castração que o gozo do ser, o gozo do corpo – real – é barrado e se torna inalcançável ao sujeito, se perde para sempre. “Abre-se a possibilidade deste – o sujeito – ter acesso ao gozo fálico, gozo limitado e fora do corpo, possível através da palavra” (RABELAIS, 2017, p. 45-46). É com isso que percebemos que a castração não impede que o sujeito goze, muito pelo contrário: é a partir dela que o gozo pode ser acessado, gozo esse particular dos sujeitos submetidos à Lei (RABELAIS, 2017).

Lendo Lacan, Rabelais (2017) escreve que os dois lados das fórmulas da sexuação são divididos entre lado masculino e lado feminino, um regido pela modalidade de gozo masculino, outro regido pela modalidade de gozo feminino. Com isso em vista, seguindo com o pensamento da autora, atrela-se o gozo fálico ao lado masculino nas fórmulas da sexuação; lado masculino fundado pela exceção à regra, criada pelo Pai da horda mítica do texto Totem e Tabu (1913) de Freud.

Em Totem e Tabu, enquanto os filhos desejam poder gozar como o Pai, único possuidor de um gozo ilimitado, denunciam serem divididos no momento em que temem serem castrados por ele. “O homem como um todo se inscreve pela função fálica, todavia, essa função tem seu limite demarcado devido à existência de um ponto que está fora e pelo qual a mesma função é negada.” (RABELAIS, 2017, p. 50). Ponto esse sendo justamente o pai da horda primeva, que marca a exceção que funda a regra.

O gozo fálico, então, é aquele fundado pela Lei e delimitado pela linguagem, que está fora do corpo e pode ser alcançado por ambos os lados existentes nas fórmulas da sexuação. Está ligado à palavra e por ter sido fundado pela Lei, é efeito da castração. É o gozo da fala, “que aparece nas formações inconscientes do sujeito, com o sonho, o chiste, o ato falho e o lapso” (RABELAIS, 2017, p. 47).

3.3 O gozo feminino;

Figura 1 – Fórmulas da sexuação.

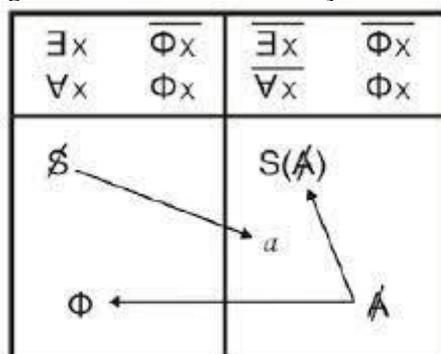


Figura: Recuperado de Lacan (1972-1973/1985, p. 105)

Para falar do gozo feminino, do gozo da mulher, é interessante primeiro explicar como funciona o gráfico e as fórmulas da sexuação postos acima e propostos por Lacan:

Primeiro, as quatro fórmulas proposicionais, em cima, duas à esquerda, duas à direita. Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro. À esquerda, a linha inferior, $Ax\Phi x$ indica que é pela função fálica que o homem como todo toma inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual a função o Φx é negada, $\exists x\Phi x$. Aí está o que chamamos função do pai – de onde procede pela negação a proposição Φx o que funda o exercício do que supre, pela castração, a relação sexual – no que esta não é de nenhum modo inscritível. O todo repousa, portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que, esse Φx , o nega integralmente (LACAN, 2008, p. 85).

Por se inscrever como suposto portador do falo, o homem, suportado por essa função fálica, seria tido como todo, não fosse pela inscrição do Pai Simbólico que o castra e o insere na Lei. A Função Φx , portanto, é negada por esse Pai no momento da castração e isso diz respeito ao mito do Pai da Horda, de Totem e Tabu, que gozava de todas as mulheres enquanto seus filhos, mesmo que desejassem, encontravam-se barrados pelo medo de serem castrados. Essa barra, a castração, abre margem para que o homem goze de outra forma, o gozo fálico.

A mulher, entretanto, também tem acesso a esse tipo de gozo, visto que ele é concebido a todo ser falante. Ademais, porém, a mulher, diferente do homem – que é faltante por ser castrado pelo Pai – se põe como não-toda por lhe faltar o Φ e, por conta disso, ela precisa de algo para suplementar – jamais complementar – essa equação. É aí

que entra o gozo da mulher, cuja fórmula está posta do lado direito do gráfico. “Há um gozo dela, esse ela que não existe e não significa nada” (LACAN, 2008, p. 80).

Não existe justamente por ela ser não-toda; não comporta o artigo “A” completo, por isso esse “A” é escrito barrado. É exatamente por ser não-toda que existe essa impossibilidade de simbolização do sexo feminino, que se encontra mergulhado na lógica fálica e imersa em um excedente pulsional onde suas palavras lhe faltam, afinal, segundo Freud, toda libido é libido masculina (LACAN, 2008, p.16).

É interessante ver que Lacan chamou a mulher de não-toda ao invés de faltante, e que ele aponta o gozo próprio dela de algo suplementar ao invés de complementar (RABELAIS, 2017). Como diz Rabelais, não se trata de algo a complementar, pois se fosse assim, então teríamos um sujeito completo, todo, e não se trata desse todo; para a psicanálise, nada é “todo”. Trata-se, como bem diz a palavra, exatamente de um suplemento àquilo que lhe é negado. “É justamente pelo fato de que por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar” (RABELAIS, 2017, p.79), um gozo para além do falo.

Sigamos com a explicação do gráfico: embaixo da barra transversal, existem o \$ (sujeito barrado) e o Φ , que suportam o significante:

Esse \$ assim duplicado desse significante do qual em suma ele nem mesmo depende, esse \$ só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto “a” inscrito do outro lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo. A este título, como o indica alhures em meus gráficos a conjunção apontada desse \$ e desse a, isto não é outra coisa se não fantasia (LACAN, 2008, p. 86).

“Não existe relação sexual”. A relação sexual torna-se impossibilitada por conta desse circuito, no qual o sujeito barrado busca encontrar um objeto “a”, um objeto que causa o desejo nesse sujeito, no Outro, do lado de lá da barra, que é impossível de ser encontrado, quanto mais possuído. Está tudo mediado pela fantasia.

Do outro lado da barra encontra-se a mulher (que não existe, visto que é não-toda). O $S(A)$ está aqui representado como o significante do Outro como barrado, uma vez que não existe Outro do Outro. Nisso: “a mulher tem relação com o significante desse Outro, na medida em que, como Outro, ele só pode continuar sendo sempre Outro” (LACAN, 2008, p.87). Além disso, como mostra no gráfico, ela também se refere ao Φ , tendo, também, relação com ele; Φ esse que nós entendemos por ser o significante que não tem significado, o Falo, que é aquele que se suporta, pelo menos no homem, gozo fálico (LACAN, 2008).

Lacan chamou essa modalidade de gozo (da mulher) de gozo dos místicos; é algo que se sente, mas que não se diz, pois falta palavra, uma vez que não está inscrito no simbólico, mas, sim, no corpo, no real do corpo. E para além disso, o próprio Lacan foi categórico:

A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade - atributos que restam a determinar - inscrever-se nesta parte (lado feminino do gráfico). Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que têm a opção de se colocar na Φx ou bem de não estar nela (LACAN, 2008, p. 107).

Seja por uma escolha inconsciente no momento da saída/entrada no Édipo, seja por uma forma de manejar o gozo e as formas de gozar, as posições nas fórmulas da sexualização não estão relacionadas exclusivamente ao sexo biológico do ser humano, mas muito mais

a uma questão não biológica; estão relacionadas ao inconsciente, que é estruturado como uma linguagem.

Soler (2005) caracteriza esse gozo dos místicos como algo que ultrapassa e transcende o sujeito, visto que ele é sentido e não falado, é experimentado no corpo, mas que nada pode ser dito sobre. É um gozo do real, que não pode ser simbolizado, ao contrário do gozo fálico. Está fora do significante e por isso é mais além do falo.

E, complementando, Rabelais (2017) acrescenta: “não podemos cair no engano de achar que estamos diante de um gozo superior.” (RABELAIS, 2017) Visto que, desse gozo suplementar que não se pode ser falado pela mulher, Lacan disse que temos apenas vislumbres, manifestações isoladas. Esse gozo seria, pois, apenas uma suposição.

4 A DIVERSIDADE DA SEXUALIDADE HUMANA SOB UMA ÓTICA DA PSICANÁLISE

Durante sua vida, Freud se debruçou bastante nos trabalhos sobre a sexualidade humana. Em notas de rodapé acrescentadas ao longo dos anos nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, podemos ter uma ideia de como se desdobrava o entender de Freud sobre esses fenômenos e como os ditos fenômenos se encaixavam na teoria da psicanálise. Uma escolha objetual feita no inconsciente do sujeito e alheia a qualquer desejo consciente – diga-se de passagem, determina o local para onde tal sujeito dirige sua libido.

O que é mais aceito e mais disseminado, proposto nessa obra que marca os estudos da psicanálise sobre a sexualidade infantil, é que no menino – e aqui, por “menino”, falamos do que está inscrito no real do corpo: a presença ou a ausência de um pênis – a entrada no complexo de Édipo se dá através de um investimento libidinal em sua mãe ou naquele que ocupa esse lugar. Feito isso, o menino passa a participar de uma relação de amor com essa figura de Outro, até a chegada do pai e da Lei simbólica.

Com a ameaça de castração, o menino vai desistir dessa relação com a mãe e, a partir daí, escolher o seu objeto sexual: para os que seguiram o caminho do heteroerotismo, eles se identificarão com o pai e, durante a puberdade, passarão a procurar parceiros “semelhantes” à sua mãe; para aqueles que seguiram o caminho do homoerotismo, a identificação passa a ser com a mãe e, assim, os parceiros que serão procurados durante a puberdade e além dividirão semelhanças com o pai.

Na menina os fenômenos e o processo se dão um pouco diferentes, visto que elas, as meninas, entram e saem do complexo de Édipo em momentos diferentes dos meninos. Para a menina – aquela que não tem pênis, a entrada no Édipo ocorre antes do menino, com uma identificação com a mãe – pondo em prova a bissexualidade do ser humano e, ao mesmo tempo, a relação imaginária feita entre mãe-bebê, que acontece independente do sexo da criança. Essa identificação, relação também de amor, dura até o momento em que a menina percebe não ter pênis e passa a se ressentir da mãe por tê-la gerado dessa maneira, faltante, não-toda.

A inveja do pênis, além de estrutural, marca a mulher como não-toda e a faz buscar esse falo – que no menino é imaginário – em outro sujeito. As meninas heteroeróticas entram em uma relação de parceria com a mãe, buscando pretendentes que se assemelham de alguma forma ao pai; as meninas homoeróticas entram em relação de parceria com o pai, buscando aquelas que se assemelham com a mãe.

Dito isso, torna-se interessante apontar que, como diz Quinet (2020), embora essas explicações sejam as mais disseminadas na teoria da psicanálise, não são as únicas propostas de Freud para explicar a etiologia da escolha de objeto sexual no ser humano.

Sobre isso, Serge André (1993) levanta a seguinte questão:

A homossexualidade não tem nem o mesmo estatuto nem a mesma significação nas neuroses, nas perversões e nas psicoses. Quer isso dizer que não existe nenhum elemento comum entre as diversas formas de homossexualidade e que, por conseguinte, "o homossexual" não existe? (ANDRÉ, 1993, p. 113).

Questão essa muito semelhante ao aforisma lacaniano sobre a inexistência da Mulher, embora nem um pouco relacionada à sua explicação.

Em Totem e Tabu (1913), Freud nos apresentou o mito da horda primitiva, do Pai que, por consequência, é o representante do Homem. Entretanto, a Mulher não existe nesse mito, existem as mulheres, e Lacan utilizou-se disso para ilustrar a forma como a mulher escapa do gozo fálico e consegue gozar de outras formas.

O que Serge André (1993) faz com essa pergunta é abrir um questionamento sobre a existência do Homossexual semelhante a existência do Pai da horda primitiva que acaba por representar o Homem. E a resposta que ele articula está de certa forma ligada ao homem – portador do falo, quando ele diz que: “formular desde logo essa interrogação é, provavelmente, a melhor via de acesso à clínica psicanalítica da homossexualidade masculina.”

4.1 O mecanismo da homossexualidade no homem e na mulher;

Varella (2011) nos diz que “até hoje existem discussões a respeito das causas da homossexualidade”. Ainda não temos uma explicação concreta que nos dê uma explicação clara no tocante à diversidade das orientações sexuais humanas, de como elas surgem, ou do porquê de elas surgirem.

Existiram teorias científicas que apontaram para uma causa genética, que explicavam a sexualidade e as orientações sexuais a partir do viés da disposição dos genes do sujeito. Essa teoria encontrou um grande obstáculo quando foram feitos estudos com pares de gêmeos idênticos, em que um dos indivíduos se localizava como homossexual e o outro, não.

Uma matéria publicada no El País, em 2019, discorre sobre o, assim intitulado, maior estudo da história – uma análise feita com 500.000 pessoas – e aponta que é impossível prever por sua informação genética se uma pessoa será homossexual ou heterossexual.

Estudando as obras completas de Freud, Quinet (2020) nos apresenta com uma junção das explicações dadas pelo pai da psicanálise na tentativa de conter a homossexualidade e explicá-la. São listados e explicados, ao todo, doze modos de se fazer homossexual – dez nos homens, dois nas mulheres – apontados pelo artigo. Muitas dessas explicações envelheceram mal a partir do momento em que os estudos sobre gênero e sexualidade, dentro e fora da psicanálise, avançaram com o tempo.

Exemplos disso são: a tentativa de Freud em explicar as escolhas homossexuais de uma maneira semelhante à explicação dada para a gênese das perversões; ou quando ele afirmou que, no homem, a homossexualidade poderia ser impedida caso a presença do pai fosse mais forte.

Ainda hoje, mesmo com o avanço da teoria, não somos capazes de dar uma resposta clara e abrangente no que se refere à sexualidade humana, aos seus objetos de escolha e às posições ocupadas pelos sujeitos nas linhas que dividem a heterossexualidade das demais orientações sexuais como expressão de escolha objetiva do sujeito.

Como nos diz Coutinho e Travassos (2017), as históricas nos ensinam que não se pode produzir conhecimento suficiente sobre o sexo. O sexo escapa, existe algo da ordem do real que não se inscreve.

Avançando nos estudos de Freud, falando sobre o que ele escreveu do Complexo de Édipo em “O Eu e o Isso” (1923), podemos, mais uma vez, abstrair algum entendimento do que seria uma explicação mais abrangente sobre as escolhas da orientação sexual dos sujeitos postos na neurose: algo que Freud intitulou como complexo de Édipo completo (QUINET, 2020).

Falando sobre a interpretação quase canônica – como propõe Quinet no seu artigo – dada por Freud no tocante à escolha dos objetos sexuais, Quinet diz: “uma interpretação corrente na gênese da homossexualidade é o dito complexo de Édipo ‘invertido’” (QUINET, 2020), e continua apontando o seguinte:

Com o desenvolvimento do conceito de complexo de Édipo completo, em 1923, em “O eu e o isso”, Freud reintroduz a bissexualidade nesse processo de constituição do sujeito sexuado a partir de sua relação subjetiva e desejante com o Outro parental. Nesse texto, Freud denominou sua invenção de “complexo de Édipo simples”, que pode ser positivo ou invertido - que foi, posteriormente, banalizado pelo senso comum (QUINET, 2020, p. 106).

Esse complexo de Édipo completo esclareceu o que é aceito na atualidade pela grande maioria dos analistas: não existe um neurótico que seja completamente heterossexual ou homossexual. A bissexualidade é de estrutura e está explicada pela fundação do sujeito.

O que diz respeito ao complexo de Édipo simples é o seguinte: o desejo pela mãe se associa a um desejo de eliminar o pai. Com a reelaboração da teoria, Freud viu que a relação com o pai não é apenas de ódio, ela é ambivalente, pois, ao lado do ódio, há uma ‘identificação-pai’, ou seja, querer ser como ele.

Esse complexo de Édipo completo, então, seria mais complexo: duplo, positivo e negativo. O menino mostra uma atitude feminina e terna em relação ao pai e uma atitude ciumenta e hostil em relação à mãe, e o mesmo ocorre com a menina.

Sobre isso, Alberti (2020) nos diz que:

Freud é muito claro: não há Édipo que não seja tanto ‘positivo’ quanto ‘negativo’, pelo que compreende: o Édipo positivo é aquele em que dos pais, o do sexo oposto ao do filho será investido sexualmente, enquanto que o Édipo negativo implica o investimento sexual daquele membro do casal parental que seria do mesmo sexo (ALBERTI, 2020, p. 182).

Seguindo com essa ideia, Quinet (2020) nos propõe a criação de um esquema gráfico que se utiliza da proposta de Freud de esquematizar os casos diversos de saída do Édipo. Em uma ponta desse gráfico estaria o complexo de Édipo positivo e normal – proponho a substituição do termo “normal” por heteroerótico – e, na outra, o inverso – homoerótico –, negativo; enquanto os intermediários exibem a ‘forma completa’, com a participação desigual de ambos os componentes.

O gráfico ficaria assim:

Figura 2 – Gráfico do complexo de Édipo Completo

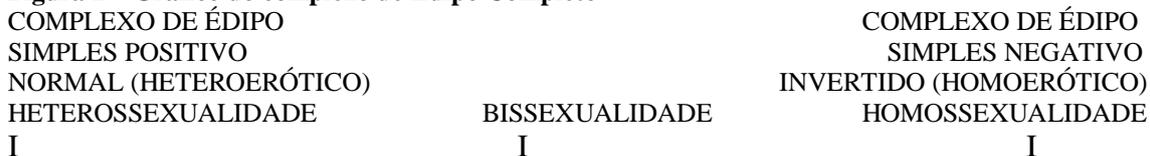


Figura: Recuperado de Quinet (2013/2020, p. 106).

Nesse esquema gráfico existiriam extremidades polarizadas que implicariam o sujeito em uma escolha de objeto homo ou heterossexual, e, no centro, estaria a bissexualidade estrutural do sujeito, ideal, sem desigualdade na composição dos elementos. Quinet nos diz: segundo o que postula Freud, então, cada ser humano estaria posicionado em algum lugar desse gráfico.

E acrescenta:

Segundo a experiência analítica, para Freud, alguns dos elementos heterossexuais ou homossexuais podem desaparecer deixando apenas um “vestígio registrado”, que podemos designar como traços da sexualidade, marcas no corpo ou no jeito (masculino ou feminino) ou, ainda, um sintoma. Os vestígios da feminilidade em homens, ou da masculinidade em mulheres são, assim, traços advindos de sua tendência homo ou heterossexual, derivados do complexo de Édipo (QUINET, 2020, p. 107-108).

São traços de um tempo pré-edípiano que se dissipam e se fundam a outras partes da vida – íntima ou não – dos sujeitos, ditando seus comportamentos e suas maneiras de lidar com os seus afetos – que, no fim, acabam por estar ligados à sua sexualidade como um todo.

Todas essas teorias sobre a causalidade da homossexualidade só apontam para sua imensa variedade - eis porque não podemos falar de homossexualidade no singular, e sim de sua pluralidade. Cada sujeito tem sua sexualidade singular que escapa a toda classificação (QUINET, 2020, p. 106).

4.2 A bissexualidade estrutural do sujeito.

A bissexualidade está na base da teoria psicanalítica, nos diz Coutinho Jorge (2020), e recusar essa noção tem como consequência a recusa da própria sexualidade infantil. A noção de sujeito perverso-polimorfo nos remete diretamente e faz correlação à dimensão de uma bissexualidade constitucional.

Falar sobre tal bissexualidade está muito além de falar sobre questões referentes às orientações sexuais, sobre quem os sujeitos elegem como objeto sexual. A bissexualidade humana, como nos disse Freud, está para todos e não há sujeito que não esteja referido tanto ao lado homem, masculino, quanto ao lado mulher, feminino. Diz muito mais do que o local onde se deposita a libido; diz respeito, também, à como o sujeito se enxerga e qual posição ele ocupa nas fórmulas da sexualização de Lacan; fórmulas essas que teorizam a maneira como o sujeito se identifica, referindo-se à impossibilidade da sexualidade do ser falante.

Freud sempre defendeu a ideia de que essa forma de escolha objetual seria uma questão voltada para o psicológico do sujeito, seria uma bissexualidade psicológica (JORGE, 2020). Nesse ponto, ele escolhe por se diferir dos demais médicos de sua época, como o próprio Fliess, que defendiam a ideia de que essa bissexualidade seria uma bissexualidade referente ao biológico, ao sexo, chamado na época, também, de hermafroditismo.

Desde que encontrei a noção de bissexualidade, passei a vê-la como o fator decisivo, e sem levar em conta a bissexualidade acho que dificilmente seria possível chegar a uma compreensão das manifestações sexuais que podem ser observadas em homens e mulheres (FREUD, 1905, p. 201).

Para Freud, todos os sujeitos são estruturalmente bissexuais e a escolha de objeto recairá para cada um sobre uma ou outra condição; condição essa que pode ser expressa com a resolução do seu Édipo ou fora dela. Assim, a bissexualidade, na psicanálise, é uma modalidade da sexualidade e das formas de escolha de gênero tão legítima quanto qualquer outra que seja: homossexualidade ou heterossexualidade; cisgeneridade e transgeneridade.

Além disso, todos – os neuróticos –, independente do sexo, já tiveram a mãe como objeto de desejo e todos já foram objeto de desejo do pai, como nos mostra o processo de alienação e separação.

No início, nesse processo, existe apenas a mãe e o bebê. A mãe serve de Outro, o tesouro dos significantes, para a criança e instaura, com ela, uma relação simbiótica de alienação. Nascimento (2010) explica que esse processo de alienação “é correlativo ao fato do encontro do indivíduo com a linguagem, com a linguagem que o precede, que aí estava antes de ele existir” (NASCIMENTO, 2010), ou seja, a linguagem provida pelo Outro materno, que o banha com significantes seus, tentando atender a necessidade dessa criança com sua demanda. O sexo vem do Outro, o gênero é fruto do deslizamento da cadeia de significantes.

É essa relação que funda o sujeito na cadeia de significantes, herdada do seu Outro materno. Quando o Pai entra em cena, desejante e desejando, trazendo a Lei consigo, a relação entre mãe-bebê é cortada e o sujeito, se aceitar tal corte, se vê obrigado a formar uma questão – *Che vuoi?* –, detectando a falta no Outro e passando a se perguntar se esse é capaz de viver sem ele.

Seguindo e fazendo uma releitura de Freud, Lacan continuou rompendo com a ideia do que diz os estudos das ciências biológicas em relação à diferença sexual. Durante todo o seu ensino, Lacan sempre insistiu que a diferença sexual entre os sujeitos era, na verdade, uma criação do discurso (FERREIRA, 2020). Marco Antônio Coutinho Jorge, destaca o hiato que se estabelece entre os traços sexuais anatômicos e a posição de um sujeito diante do sexo:

Cabe lembrar, enfim, com Lacan, que para a psicanálise o corporal é uma contingência por meio da qual o desejo se inscreve e que homem e mulher não são nada mais que significantes. Quanto ao sujeito, este não tem sexo, pois ele é o sexo, a secção que habita o intervalo entre os lugares, significantemente designados, do homem e da mulher (JORGE, 1988, p. 39).

No Seminário, livro 10: *A angústia*, ao falar sobre a famosa frase escrita por Freud em “A dissolução do complexo de Édipo”, publicado em 1924, “A anatomia é o destino”, Lacan afirmou que Freud “errou ao dizer, sem maiores esclarecimentos, que ela é o destino” (LACAN, 2005, pg. 196). Justamente por conta disso, ele, Lacan, ao redizer essa frase de Freud, fez questão de ressaltar que no seu ensino está empregando a palavra anatomia com o sentido de estrutura.

Sobre isso, Ferreira (2020) aponta que: “se a estrutura é o destino, uma parte do que envolve a sexualidade humana é real e, justamente por isso, está marcada pelo indizível: não há relação sexual, não há, não há todo-homem”. “A relação sexual não existe”. Não existe porque sempre há um desencontro no sentido do Eu não está onde se pensam que está; e do outro, como sujeito, não está como o Eu pensa que ele está. A relação sexual funciona da ordem do desencontro, jamais do encontro, pois esse encontro é do campo da impossibilidade.

O outro com quem o Eu se relaciona é sempre tomado como objeto.

O outro é sempre aquele que eu vejo como outro no campo dos investimentos, e se o outro para mim não é senão projeção do que imagino a partir do que

entendo ser eu', então o outro não tem qualquer singularidade, não é radicalmente diferente de mim como seria se o tomasse como sujeito, independentemente do sujeito que sou (ALBERTI, 2020, p. 184).

O outro é sempre aquele que o Eu vê como outro no campo dos investimentos libidinais, que, por conta do narcisismo, não é nem homossexual, nem heterossexual.

Ferreira (2020), em seu texto *O desejo é o destino*, diz que Lacan falou, escreveu e repetiu inúmeras vezes em seus seminários que “a mulher é não-toda”. Esse aforismo foi interpretado como se o infactível só estivesse do lado das mulheres, como se fosse possível dizer tudo sobre aquele que é homem, como se o real não atingisse e fizesse presença para o homem, enfim, como se o homem estivesse imune à temida castração. No Seminário 18, Lacan nos falou exatamente sobre isso:

O homem é uma função fálica na qualidade de todo homem. Mas, como vocês sabem, há enormes dúvidas incidindo sobre o fato de que todo homem existe. E isso que está em jogo - ele só pode sê-lo na qualidade de todohomem [touthomme], isto é, de um significante, nada mais. (...) A mulher só pode ocupar seu lugar na relação sexual, só pode sê-lo na qualidade de uma mulher. Como acentuei vivamente, não existe toda mulher (LACAN, 2009, p. 139).

E é justamente sobre isso que Lacan falou nas fórmulas da sexuação do Seminário 20. Os falantes, que se enxergam e se localizam na posição de quem tem o dom do falo, aderem ao lado dos homens. Para aqueles que se põem do lado de quem não tem esse dom do falo, inscrevem-se do lado das mulheres (FERREIRA, 2020). E, para reforçar mais ainda a questão da bissexualidade estrutural do sujeito, essa bissexualidade constitucional, Lacan disse que esses locais aos quais os indivíduos se localizam não são fixos.

Qualquer ser falante, independentemente de seu sexo anatômico, pode se colocar do lado do todo (homem) ou do lado do não-todo (mulher). Estar ou não estar na função fálica - eis a questão. Do lado do todo (homem), temos o sujeito barrado (\$) e a função fálica (Φ). Do lado do não-todo (mulher), temos o objeto “a” como objeto causa do desejo (FERREIRA, 2020, p. 196-197).

Quando o homem ama, ele é mulher; quando a mulher deseja, ela é homem, disse Lacan desde o Seminário 20. No que diz respeito às posições sexuais, ele insiste: escolher o lado do não-todo (mulher) não significa que não tenha ocorrido a falicização do sujeito, ou seja, o processo pelo qual se inscreve a função paterna, sem a qual não há castração. Da mesma forma, “as mulheres não estão privadas do gozo fálico. E os homens não têm obrigação de ficar de plantão o tempo todo na função fálica” (FERREIRA, 2020, p. 197).

Em conclusão, foi necessária a psicanálise de Freud, retomada por Lacan, para percebermos que as heterossexualidades e as homossexualidades dizem respeito à possibilidade de estar diante do falo. O ser humano, banhado pelos significantes, como ser falante, ser de linguagem, não é fixo: ele muda e caminha pela bissexualidade que demarca as posições e as formas de gozo das fórmulas da sexuação.

4.3 Homofobia (ou homoterrorismo);

Coutinho Jorge (2020) diz que o termo homofobia não é muito adequado para descrever e explicar as ações agressivas encontradas na nossa cultura em retaliação às pessoas homossexuais. O termo acaba por evocar um repúdio projetivo da homossexualidade do outro: “repudia-se, no outro, aquilo que incomoda em nós mesmos”

(2020, p. 20). “Homofobia” recobre muito mais o campo semântico em relação ao repúdio à própria homossexualidade. (2020, p. 20).

Antônio Quinet diz que o termo homoterrorismo é mais adequado para descrever tais ações, visto que homofobia finda trazendo à tona essa imagem “de passividade, com medo e retraimento, do que de atividade agressiva ou persecutória em relação aos homossexuais” (2020, p. 20).

O termo homofobia é, de fato, inadequado e até mesmo leve para descrever os atentados de ódio feitos pelos ditos homofóbicos, mirando as pessoas de sexualidade diferente (ou, no fim, iguais...). Jorge (2020) diz que, segundo Byrne Fone, o termo foi cunhado por K.T. Smith, em 1971, e, em 1972, George Weinberg definiu-o como “o temor de estar perto de homossexuais” (SPENCER, 1996. P, 379).

É interessante, no mínimo, ver como essas atitudes reativas – que são o que elas, no fim, findam por ser – dizem respeito não apenas às questões com as sexualidades não heteronormativas, mas com as questões de gênero também. Quando se fala da relação entre os gêneros e suas questões, trazendo o nivelamento de poder social entre eles, não podemos deixar de mencionar o machismo, que finda por estar na base da homofobia, assim como da misoginia.

Suzana Muszkat (2019) questiona isso ao dizer que, cito-a: “a resposta violenta busca o resgate imaginado da autoestima por meio de uma demonstração de poder sobre a mulher” (MUSZKAT, 2019) e, acrescento, sobre o que tange a área do feminino.

Ela continua:

Respostas violentas de homens em relação às suas companheiras, assim como contra gays, trans e todas as identidades não heteronormativas, apontam para valores vigentes em nossa cultura, em que o sentimento de humilhação, para muitos, não pode ser admitido como algo do universo masculino (MUSZKAT, 2019, p. 33).

Claro, a homofobia não está sujeita apenas aos homens, mas, com as fórmulas da sexuação, entende-se que os papéis de gozo são mutáveis, voláteis. Mulheres, biologicamente constituídas assim, podem ocupar posições fálicas tão facilmente quanto homens podem ocupar a posição de não-todo. E a questão com a violência, não só homofóbica, mas também sexista, não está em manter a dominação de um gênero sobre o outro, mas ao se revelar a falta dessa dominação, desse poder, como nos aponta Suzana (2019, p. 33); falta essa que fura a virilidade, que puxa o tapete do ser todo fálico.

Assim, o ato violento visa, de forma efêmera e enganosa evidentemente, recuperar o sentimento de virilidade, definido por qualificadores como força, poder e superioridade, que, por sua vez, são traduzidos como elementos definidores da masculinidade.[...] Alguém cuja única fonte garantidora de autoestima é a posição de superioridade em relação a um outro precisa acreditar que esse outro tenha menos, ou nenhum valor (MUSZKAT, 2019, p. 33).

A má interpretação do aforisma laciano sobre nada se dizer sobre a mulher, como apontou Ferreira (2020), causou uma equívoca sensação de que do homem se diz tudo. Se do homem se diz tudo, nada mais precisa ser dito. Cunha (2019) traz essa ideia para trabalhar o tema da homofobia. Ele diz que por ser uma identidade já falada, “naturalizada, tomada como verdade em si, a imagem do homem nos parecia algo uno[...]”. E acrescenta que:

[...] diante dessa imagem, a figura do homossexual masculino – principalmente – foi sendo construída como o seu negativo, num processo marcado pela sua apropriação pela medicina e pela sua localização estratégica na construção

daquilo que Michel Foucault descreveu como dispositivo de sexualidade (CUNHA, 2019, p. 38).

O homossexual – e qualquer identidade diferente do que é masculino na heteronormatividade, na verdade – passou a ser definido pelo seu desejo de amar outros do mesmo sexo. E esse desejo o esvaziou de qualquer padrão normativo, no caso dos homens fugindo da masculinidade – como se investimento objetal e formas de gozar se confundissem. Sobre isso, Costa diz: “para corresponder a essa imagem natural do homem, era preciso escapar ao menor traço, ao menor vestígio, dessa outra figura, pertencente não ao mundo da natureza, mas percebida como sua perversão.” (2019, p 38).

Para concluir, como nos afirma Quinet (2016):

A regulação dos gozos que asseguram os discursos é frequentemente utilizada pela "moral sexual civilizada" para determinar e discriminar os laços amorosos adequados ou inadequados a uma dada sociedade. Os laços sociais que tentam, em vão, regular as parcerias amorosas entre os sexos são tentativas também vãs de suprir o real da relação sexual que não pode ser escrita (QUINET, 2016).

Não há um conhecimento que abarque o que é do sexo. “A relação sexual não existe”, portanto não pode ser escrita, catalogada ou naturalizada. Ela é inventada na palavra, na linguagem, e não há, de forma alguma, seja moral ou eticamente, como dizer o que é certo e o que é errado quando se toca nesse assunto. A psicanálise, subversiva como ela é, é uma forte aliada na quebra de barreiras elegidas por preconceitos que dizem mais do agente do que da vítima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das considerações tomadas nesse texto, podemos constatar que a psicanálise e seu olhar referente à sexualidade humana é uma boa fonte de estudos sobre o tema. Freud, um homem a frente do seu tempo, nos presenteou com uma teoria rica quando descobriu o inconsciente e passou a estudá-lo. Por mais que seus trabalhos tivessem sido distorcidos e modificados após sua morte, Lacan, com seu retorno à Freud, promoveu uma revitalização e uma atualização da radicalidade do discurso freudiano e foi além, criando não apenas a segunda clínica, mas, também, a teoria do gozo.

Desde Freud e Lacan a psicanálise pautou-se na ideia de que o discurso sobre a sexualidade não tem nada de natural, visto que o real do sexo é ser, justamente, impossível de se inscrever. O sujeito do inconsciente não tem sexo, ele é o sexo, e isso faz da psicanálise uma teoria que vai de encontro com muitas das demandas sociais de nomear o que se tem de “padrão”, quando referente à sexualidade humana. Não há padrão para a sexualidade humana, pois “a relação sexual não existe”.

A psicanálise, cuja posição de produzir conhecimento é privilegiada exatamente por admitir que o próprio conhecimento é falho, faltoso, foi e é uma grande contribuinte para a afirmação de uma visão despatologizada da homossexualidade e das demais formas de escolha objetal e de investimentos libidinais. Como podemos observar, a psicanálise situa o sujeito a partir da singularidade da pulsão, que move o desejo ao se manter insatisfeita, sempre aceitando apenas paliativos como apaziguamento.

Ela também nos apresenta uma maneira singular de trabalhar com e enxergar os gêneros e os sexos, baseando-os muito mais em movimentos e escolhas inconscientes de modalidade de gozo – inconsciente, esse, que é estruturado como uma linguagem – do que algo que se resume a ser marcado no real do corpo. A bissexualidade estrutural do

ser humano nos marca como seres de mudança, nunca estáticos em um só lado das fórmulas da sexuação. Dessa forma, torna-se interessante verificar que o sujeito não depende do que está inscrito no corpo como sexo biológico para determinar o seu pertencimento a este ou àquele lado destas fórmulas, visto que, por mais que o sexo venha do Outro, o gênero é resultado de um deslizamento da cadeia de significantes.

Além disso, a maneira de implicar o sujeito no seu desejo faz da psicanálise a clínica mais apropriada para tentar explicar as escolhas inconscientes que tomamos; quer sejam essas escolhas determinantes da nossa orientação sexual, da nossa forma de performar o nosso gênero e/ou, até mesmo, dos nossos preconceitos mais enraizados.

Toda e qualquer forma de expressar a sexualidade, seja ela dirigida ao outro ou a nós mesmos, é válida. Não há sentido no sexo, pois ele é o englobamento do que é sem-sentido. Assim, não só a homofobia, mas qualquer tipo de preconceito é uma ação reativa a algo que se vê no outro e que acaba, quase sempre, dando notícia das nossas próprias questões a respeito do mundo que nos rodeia e dos significantes que nos marcam. Questões essas que os sujeitos respondem com seu mal-estar, justamente por não conseguir simbolizar aquilo que não cessa de não se inscrever.

Conclui-se, então, que do sexo não se pode produzir conhecimento suficiente para normatizar o que é certo ou errado. O sexo e, por extensão, a sexualidade, no ser humano, é da ordem do real, daquilo que é indizível, não cessa de não se inscrever, por isso, não existe. A tentativa de normatizar a diversidade sexual no humano é, acima de tudo, uma tentativa de responder a uma demanda do Outro social que opera por essa lógica: normatizar para controlar. Tudo o que é criado a respeito da sexualidade, seja ético e moral ou não, é válido e deve ser acolhido na clínica, pelo analista, visto que a sexualidade é fantasia inscrita na palavra e a psicanálise, subversiva, não deve aceitar a dialética de nenhum tipo de preconceito.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. Da bissexualidade ao impossível. *In*: Quinet, A; Jorge, M. A. C. (org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma; 2020, p. 181-189.

ANDRÉ, Serge. A impostura perversa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BRAUNSTEIN, Néstor. O Gozo. São Paulo: Escuta, 2007.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero – feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, Nº48, p. 135–146, dez. 2017.

COSTA, Teresinha. Psicanálise com crianças. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CUNHA, Eduardo Leal. A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino. **Cult**, Vol. 242, Nº 22, p. 37-42, fev. 2019.

FERREIRA, Nádía Paulo. O desejo é o destino. *In*: QUINET, A; Jorge, M. A. C. (org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2020, p. 190-200.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade III: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985b.

FREUD, Sigmund. Carta a uma mãe preocupada com a homossexualidade do seu filho (1935). *In*: Freud, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Tradução Maria Rita Solzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 271-272.

FREUD, Sigmund. Cartas sobre a bissexualidade (1898-1904). *In*: Freud, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Tradução Maria Rita Solzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 25-50.

FREUD, Sigmund. Os três ensaios sobre a sexualidade (1905). *In*: Freud, S. **Obras completas Vol. 6**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2016, p. 13-72.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (1920). *In*: Freud, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Tradução Maria Rita Solzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 157-192.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1915). *In*: Freud, S. **Obras completas Vol. 11**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2012, p. 13-155.

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico (1925[1924]). *In*: Freud, S. **Obras completas Vol. XX**. Rio de Janeiro: Imago; 1996.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. 12 pontuações sobre a bissexualidade. *In*: QUINET, A; Jorge, M. A. C (org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2020, p. 206-211.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito. *In*: QUINET, A; Jorge, M. A. C (org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2020, p. 19-32.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. Sexo e discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1988.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização? **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, Vol. 20, Nº 2, p.307-330, jun. 2017.

LACAN, Jacques. Notas sobre a criança (2003). *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.369-370.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2009.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2008.

MARQUES, Luciana. Sexualidade e ética psicanalítica. *In: QUINET, A; Jorge, M. A. C (org.). As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2020, p. 59-64.

MUSZKAT, Suzana. Revisitando Adão e Eva. *Cult*, Vol, 242, Nº 22, p. 32-36, fev. 2019.

NASCIMENTO, Marcos Bulcão. Alienação, separação e a travessia da fantasia. *Opção Lacaniana online nova série*, Vol. 1, Nº1, p. 1-15, mar. 2008.

QUINET, Antônio. Homossexualidades em Freud. *In: QUINET, A; Jorge, M. A. C (org.). As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2020, p. 91-108.

QUINET, Antônio. Homofobias psicanalíticas na psicologização do Édipo. *Stylus (Rio J.)*, Rio de Janeiro, Nº 33, p. 191-199, nov. 2016.

QUINET, Antônio. O divã ético. *In: QUINET, A. As 4+1 condições de análise*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

RABELAIS, Giselle Wendling. Uma Abordagem sobre o Conceito de Gozo em Psicanálise. *In: Rebelais, G.W. A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 25-55.

SOLER, Colette. O que Lacan Dizia das Mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SPENCER, Colin. Homossexualidade - uma história. Rio de Janeiro: Record; 1996.

VARELLA, Dráuzio. **Causas da homossexualidade**. Dráuzio Varella, 2011. Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/causas-da-homossexualidade-artigo/>> Acesso em: 23, abril de 2021.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra freudiana. *Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, Vol. IX, Nº 2, p. 487-525, jun. 2009.

VIEIRA, Marcos Andre. Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.